

Diário Notícias

Dinheiro Vivo

31-08-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 56361

Temática: Economia

Dimensão: 196

Imagem: S/Cor

Página (s): 4



Dados errados ou não?

Nenhuma política é decidida com base num só estudo, num só indicador, numa só base de dados



Uma excelente reportagem no *Jornal de Negócios* lançou uma pequena bomba no debate económico em Portugal: o governo teria enviado para o FMI dados incorretos sobre a evolução dos salários, subestimando a quebra nos rendimentos dos portugueses nos últimos anos. Alguns comentários puseram logo em causa a política económica no acordo com a *troika*. Fim à austeridade, disseram, e sobretudo ao controlo das despesas com os salários na função pública.

Estas proclamações são sedutoras, mas infelizmente estão muito longe de ser corretas. Logo para começar, o nosso problema de finanças públicas é bem claro no défice e na dívida do Estado. É ele que obriga à austeridade, seja o que for que tenha acontecido aos salários. Mais importante, não faltam dados que suportam a tese de que Portugal já recuperou parte da sua competitividade externa. As exportações cresceram nos últimos dois anos a um ritmo que não se via em décadas, e o nosso défice externo desapareceu. Claro que seria bom saber se isto se deve a descidas nos custos, incluindo salários, a aumentos na produtividade ou a mudanças na concorrência ou na composição da nossa indústria. Mas isto não é fácil de avaliar no curto prazo, quando os nossos dados são tão imperfeitos, e demoram tempo a reavaliar, corrigir e interpretar.

Nenhuma política é decidida com base num só estudo, num só indicador, ou numa só base de dados. Qualquer pessoa, neste gover-

no ou noutro, no FMI ou num debate responsável, tem de se basear em dezenas, ou centenas, de indicadores e estudos para conseguir uma imagem do estado da economia. Isto devia ser claro para a maioria das pessoas. Por exemplo, quase semanalmente, ouvimos reportagens sobre um novo estudo médico que descobre que este ou aquele comportamento fazem bem ou mal à saúde, frequentemente na direção oposta ao estudo reportado na semana anterior. Só um palerma é que exige uma mudança radical dos tratamentos seguidos no Sistema Nacional de Saúde para tratar o cancro, só porque se descobre que um das centenas de estudos em que aqueles se baseiam afinal estava errado. Infelizmente, quando se discute política económica, não faltam palermas.

Além disso, pelo que percebi do que li, os dados do governo e do FMI não estavam errados. O problema é que há bastantes erros nas remunerações declaradas aos órgãos estatísticos, pelo que é frequente ver enormes mudanças nos dados sobre o salário de uma pessoa de ano para ano, que não correspondem à realidade. Há formas estatísticas de tentar lidar com estes erros, que são naturalmente imperfeitas, sobretudo quando, como acontece hoje, a economia está a evoluir de forma muito diferente do que aconteceu nos últimos 30 anos. Por isso, podemos tratar os dados de formas diferentes, todas elas com perspetivas valiosas sobre a realidade, sem nenhuma estar mais certa do que as outras.

Todas as estatísticas estão erradas, mas muitas delas são úteis. Focar toda a atenção num só número é que é uma receita para o desastre.

Professor de Economia na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque